



**FORMA LOCATIVA + SINTAGMA PREPOSICIONAL LOCATIVO:
ANÁLISE DA FALA CULTA NAS DUAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS**

**LOCATIVE FORM + LOCATIVE PREPOSITIONAL PHRASE:
ANALYSIS OF EDUCATED SPEECH IN TWO VARIETIES OF PORTUGUESE**

Elaine Marques Thomé Viegas¹

Resumo

O artigo trata da ocorrência de locativo à esquerda do sintagma preposicional locativo, em amostras de fala culta da cidade do Rio de Janeiro, nas décadas de 1970 e de 1990, com base nos pressupostos da sociolinguística variacionista laboviana (LABOV, 1972; 1994), para um estudo em tempo real de curta duração (tendência e painel). Fundamentada em generalizações intuitivas, a hipótese sugerida é a de que o uso do locativo está relacionado à presença de elemento morfológico [+definido] no sintagma preposicional. A análise variacionista aponta que o uso dos locativos parece estar prioritariamente relacionado a duas variáveis independentes: o tipo de termo locativo contido no sintagma preposicional e o tipo de preposição introdutora do sintagma preposicional locativo. Ao contrário do previsto na análise introspectiva, foram registradas ocorrências de sintagma preposicional locativo introduzido pela preposição *a* e antecedidas por locativo, além de locativo sem categoria morfológica junto à preposição. O estudo de tendência e de painel revela que a comunidade pode ser considerada instável e o indivíduo estável, admitindo a hipótese de uma mudança geracional. Também são recolhidos dados de fala da cidade de Lisboa; todavia, não foi possível executar um estudo de painel devido à incompletude da amostra. As duas variedades da língua portuguesa são confrontadas apenas em termos percentuais. O fenômeno é pouco frequente em língua portuguesa e parece estar restrito à fala.

Palavras-chave: Locativo; Sintagma preposicional locativo; Fala culta; Rio de Janeiro; Lisboa.

1 Doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: elainemt@gmail.com.

Recebido em: 15/10/2018

Aceito em: 07/11/2018



A revista *Diadorim* utiliza uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/) (CC-BY-NC).

Abstract

The article addresses the occurrence of the locative to the left of the locative prepositional phrase in samples of educated speech in the city of Rio de Janeiro, in the 1970s and 1990s, on the basis of Labov's variationist sociolinguistics (LABOV, 1972; 1994), for a short-term real-time (trend and panel) study. The hypothesis suggested – on the basis of intuitive generalisation – is that the use of the locative is related to the presence of [+definite] morphological elements in the prepositional phrase. Variationist analysis indicates that the use of locatives seems to be related primarily to two independent variables: the type of locative term contained in the prepositional phrase and the type of preposition introducing the locative prepositional phrase. Contrary to what is expected from introspective analysis, occurrences of the locative prepositional phrase introduced by the preposition “a” and preceded by the locative were attested, as well as the locative with no morphological category together with the preposition. The trend and panel studies revealed that the community may be considered unstable and the individual, stable, thus admitting the hypothesis of generational change. Speech data were also gathered in the city of Lisbon, although it was not possible to conduct a panel study for lack of a complete sample. The two varieties of Portuguese are compared in percentage terms only. The phenomenon is not frequent in Portuguese and seems to be restricted to speech.

Keywords: Locative; Locative prepositional phrase; Educated speech; Rio de Janeiro; Lisbon.

Introdução

Este artigo trata da possibilidade de ocorrência de um elemento locativo à esquerda de sintagma preposicional locativo, doravante SPLOC. Diversos trabalhos, como os de Paiva (2002, 2003 e 2008), Paiva e Braga (2002), Martelotta e Leitão (2002), Melo e Oliveira (2003) e Santos e Oliveira (2004) visam ao estudo do posicionamento das formas *aqui/cá, aí, ali, lá/ acolá*. Todavia, este trabalho difere dos demais pelo fato de examinar o locativo posicionado à esquerda do SPLOC, por meio da associação de uma análise empírica e de uma teoria formal.

A hipótese central parte de generalizações introspectivas e discute a possibilidade de um elemento morfológico [+definido] no interior do SPLOC favorecer o uso do locativo à esquerda desse sintagma preposicional (SP). A análise é realizada com base nos pressupostos da sociolinguística quantitativa laboviana (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1994 e 2001) e os dados são observados em tempo aparente e em tempo real de curta duração com o objetivo não só de traçar as restrições que atuam no processo, mas também de contribuir para o estudo dos locativos na língua portuguesa. Para tal, são analisados dados de fala culta da cidade do Rio de Janeiro e de Lisboa disponíveis em www.lettras.ufrj.br/nurc-rj e www.lettras.ufrj.br/varport, respectivamente. A verificação do uso do locativo à esquerda do SPLOC visa a responder três questões: (i) em quais contextos o uso do locativo anteposto ao SPLOC ocorre?; (ii) a alternância presença *versus* ausência de locativo constitui um fenômeno linguístico de variação estável na língua ou de mudança em curso? e (iii) há semelhança entre os comportamentos do português do Brasil (PB) e do português europeu (PE)?

Na primeira seção, retomam-se alguns estudos sobre os locativos, tanto do ponto de vista

tradicional, quanto do ponto de vista da língua em uso. Na segunda, são feitas algumas verificações relativas ao posicionamento dos locativos e à definitude. Em seguida, trata-se da possibilidade de verificação da mudança linguística em curso, conforme estabeleceram Weinreich, Labov e Herzog (1968). Na quarta seção, são apresentados os *corpora* e a metodologia utilizados na pesquisa. Dando prosseguimento ao artigo, na quinta e sexta seções, são desenvolvidos os estudos de tendência e de painel da cidade do Rio de Janeiro e disponibilizados os resultados percentuais da cidade de Lisboa, nessa ordem. Na última seção, são apresentadas as conclusões a que foi possível chegar

Locativos: breve retomada

A descrição tradicional, limitada pela falta de um aparato teórico mais sofisticado, classifica as formas *aqui/cá, aí, ali, lá/acolá*, em geral, como advérbios, isto é, expressões modificadoras de verbo, adjetivo ou advérbio, que denotam circunstâncias e desempenham função de adjunto adverbial (BECHARA, 2009). A complexidade intrínseca a essa classe possibilita diferentes análises e categorizações. Cunha e Cintra (2001), por exemplo, categorizam as mesmas formas como locativos e Houaiss (2001) como advérbios demonstrativos. Já Rocha Lima (2001) classifica como pronomes demonstrativos de natureza adverbial e, quando trata de advérbio, classifica como advérbio de lugar. A indicação de lugar toma como referência os pontos onde se encontram os interlocutores, o que faz dos elementos locativos, elementos dêiticos. Nessa perspectiva, *aqui/cá* seriam pronomes de 1ª pessoa, assim como os pronomes *eu, meu e este/isto*; *aí* seria um pronome de 2ª pessoa, assim como *tu, teu, esse/isso*, e *ali/lá/acolá* seriam pronomes de 3ª pessoa, assim como *ele, seu, aquele/aquilo* (HOUAISS, 2001; ROCHA LIMA, 2001).

As diferentes classificações dos estudos tradicionais originam-se da relação existente entre locativos e demonstrativos, atestada nas línguas românicas. Essa relação remonta ao latim, língua na qual há os itens *hic* “neste lugar em que falo”, *istic* “nesse lugar em que estás” e *illic* “naquele lugar”. Igualmente, em português, há um sistema tripartido de locativos correspondente à série dos demonstrativos *este, esse e aquele*: *aqui* (neste lugar), *aí* (nesse lugar) e *ali* (naquele lugar). Além desse sistema, há também um bipartido, em que a proximidade ao falante se opõe ao distanciamento, sem referência à posição do ouvinte, respectivamente, *cá* e *lá*. Essas formas são oriundas dos advérbios latinos que expressavam direção para o lugar indicado: *hac*, em vez de *hic* e *illac*, em vez de *illic* (CÂMARA JÚNIOR, 1979).

Em estudo de 2000, sob perspectiva de uso da língua, Moura Neves amplia, em comparação à visão tradicional, a funcionalidade do advérbio, que poderia funcionar como satélite de um núcleo, sendo, neste caso, periférico a um sintagma cujo constituinte nuclear pode ser não só verbo, adjetivo ou advérbio (ou sintagmas com valores de adjetivo ou advérbio), mas também numeral, substantivo, pronome e conjunção *embora* ou periférico a um enunciado ou a um

discurso. Em 2002, a mesma autora estabelece que a classificação dos locativos como dêiticos não os separa da foricidade, pois todo circunstancial fórico propicia a busca ou a recuperação de informação, por remissão a um ponto do enunciado, ou à situação de enunciação. Tanto demonstrativos quanto locativos podem não só mostrar um objeto sem nomeá-lo, mas também serem empregados para lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que foi mencionado – função anafórica – ou o que será mencionado – função catafórica. A autora critica a visão tradicional acerca dos advérbios de lugar e de tempo.

Considera-se, em princípio, que os chamados “advérbios de lugar” e “advérbios de tempo” têm um estatuto particular, que a tradição gramatical não tem avaliado. De fato, se o advérbio se define como modificador do verbo, (ou, ainda, do adjetivo e do advérbio), como ocorre tradicionalmente, os circunstanciais não pertencem à classe, já que nenhum advérbio de tempo ou de lugar realmente modifica o expresso no verbo. Por outro lado, se o advérbio se define como a palavra que indica circunstância, conforme também ocorre tradicionalmente, os circunstanciais são os advérbios por excelência (MOURA NEVES, 2002, p. 250).

A questão da posição do locativo não é uma prioridade a ser tratada na gramática tradicional, que aponta duas visões inconciliáveis: (i) ou os advérbios estariam posicionados após os termos integrantes do predicado, em orações de ordem direta, (ii) ou possuiriam mobilidade no interior da oração. Há também alguns estudos linguísticos recentes, preponderantemente, de linha funcionalista, que dão ênfase à questão da ordenação de locativos no PB, tanto no eixo diacrônico (MARTELOTTA e LEITÃO, 2002), quanto sincrônico (PAIVA, 2002; PAIVA e BRAGA, 2002; PAIVA, 2003; MELO e OLIVEIRA, 2003).

Assim, fica evidente a complexidade das formas *aqui/cá, aí, ali/lá/acolá*, já que é possível classificá-las sob diferentes perspectivas, além de haver distintas possibilidades de posicioná-las na sentença, embora nem todas sejam exploradas. Uma das possibilidades de posicionamento, verificada neste artigo em que as mesmas formas são denominadas locativo, seria à esquerda do SPLOC. A hipótese estabelecida, baseada na proposta de Avelar (2006), sustentada na Teoria de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1995, 2000 e 2001), é a de que a presença de um elemento morfológico [+definido] no interior desse tipo de sintagma preposicional (SP) favoreceria o uso do locativo a sua esquerda. Para verificar o pressuposto, utiliza-se a teoria de estudo da mudança linguística de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e de Labov (1972, 1994 e 2001).

A hipótese: verificações a respeito do posicionamento de locativos e da definitude

O estudo de Thomé Viegas (2008), baseado em Avelar (2006), buscou comprovar o esvaziamento semântico da preposição *de*, em relações de adjunção adnominal. Esse esvaziamento seria indicado pela possibilidade de alternância com outras preposições (como *em, com e para*). No decorrer da pesquisa, a autora registrou a ocorrência de locativos antepostos a sintagmas

preposicionais locativos, doravante SPLOCs, como em (01):

(01)

é uma estrada do Rio... acho que é lá pro lado de Mauá né não? acho que é... () é uma... diz que é uma gracinha... e eu gosto muito de seresta... e tanto que o pessoal... do tempo do frio... em vez de eh... chocolate quente que toma vai... fica pela noite adentro cantando... escutando... os seresteiros... Friburgo eu fui... quando pequena... e fui uma vez... já moça... é... uma vez só...e agora... já casada... eu fui... numa excursão **AQUI [na igreja]**... fui... aonde tem Nossa Senhora que... que sai óleo do... da imagem... as paredes todas hoje lá... ai Jesus o nome... Nossa Senhora... Moneratt... Nossa Senhora de Moneratt...

A hipótese estabelecida para ocorrência verificada em (01) é a de que o SPLOC [+ definido] favoreceria o uso do locativo a sua esquerda. A análise de construções como as do exemplo (02) aponta que a agramaticalidade (*) das sentenças de (c) não ocorre devido à presença ou ausência do locativo à esquerda do SPLOC, mas devido à ausência de um determinante nesse SP.

(02)

- a. Maria está Ø[no/neste/num/*em] clube./Maria está **AQUI [no/neste/num/*em]** clube.
- b. Eu coloquei a toalha Ø[na/nessa/numa/*em] mesa./Eu coloquei a toalha **Á [na/nessa/numa/*em]** mesa.
- c. O funcionário guardou os papéis Ø[no/naquele/num/*em] armário./O funcionário guardou os papéis **LÁ [no/naquele/num/*em]** armário.

A investigação de SPLOCs sem e com determinantes definidos sugere a presença de uma relação entre a posição antecipada dos locativos e a definitude do sintagma preposicional (SP). Nos exemplos em (03), as construções são agramaticais, independentemente do uso do locativo à esquerda do SPLOC. No entanto, em (04), o acréscimo de artigo definido ou de pronome demonstrativo à preposição *em* nos exemplos de (03) torna todos os exemplos gramaticais, quando respeitadas as correspondências entre o pronome e o demonstrativo.

(03)

- a. *O chocolate Ø[em mercado] custa baratinho./*O chocolate **AQUI/Á/ALI/LÁ [em mercado]** custa baratinho.
- b. *O anel Ø[em pia] vai estragar./*O anel **AQUI/Á/ALI/LÁ [em pia]** vai estragar.
- c. *A moto Ø[em oficina] será consertada./*A moto **AQUI/Á/ALI/LÁ [em oficina]** será consertada.
- d. *A escola Ø[em bairro] fica a três quilômetros./*A escola **AQUI/Á/ALI/LÁ [em bairro]** fica a três quilômetros.

(04)

- a. O chocolate Ø[no/neste/nesse/naquele mercado] custa baratinho./O chocolate AQUI/AÍ/ALI/LÁ [no/neste/nesse/naquele mercado] custa baratinho.
- b. O anel Ø[na/nesta/nessa/naquela pia] vai estragar./O anel AQUI/AÍ/ALI/LÁ [na/nesta/nessa/naquela pia] vai estragar.
- c. A moto Ø[na/nesta/nessa/naquela oficina] será consertada./A moto AQUI/AÍ/ALI/LÁ [na/nesta/nessa/naquela oficina] será consertada.
- d. A escola Ø [no/neste/nesse/naquele bairro] fica a três quilômetros./A escola AQUI/AÍ/ALI/LÁ [no/neste/nesse/naquele bairro] fica a três quilômetros.

No tocante à questão gramaticalidade/agramaticalidade, parece haver uma incongruência entre algumas preposições locativas diferentes de *em* e os advérbios locativos, independentemente do tipo de determinante. Em casos de anteposição do advérbio locativo e posposição dos determinantes em relação às preposições locativas, a gramaticalidade das construções não pode ser questionada quando as relações são estabelecidas com o auxílio das preposições *de*, *em* e *para* (*pra*), como em (05). Todavia, o mesmo não acontece com a preposição *a*, como é possível nos exemplos em (06), que são de gramaticalidade duvidosa (*). Quando a preposição *de* intermedeia determinante e locativo, as construções são gramaticais, como em (07), diferente das construções em que *em*, *para* (*pra*) e *a* intermedeiam a relação, como em (08).

(05)

- a. Tem que trocar o pneu AQUI do carro/AÍ do carro/LÁ do carro.
- b. Vai ter apresentação de capoeira AQUI na quadra da escola/AÍ na quadra da escola/LÁ na quadra da escola.
- c. Encontraram um novo zelador AQUI pro prédio/AÍ pro prédio/LÁ pro prédio.
- a. AQUI desta varanda/AÍ dessa varanda/LÁ daquela varanda dá pra ver o mar.
- b. AQUI neste país/AÍ nesse país/LÁ naquele país as condições de vida são precárias.
- c. Teremos que comprar calotas novas AQUI pra este carro/AÍ pra esse carro/LÁ pra aquele carro.

(06)

- a. Trouxeram um novo representante AQUI à clínica./Levaram um novo representante (*) AÍ à clínica/(*LÁ à clínica.
- b. Vamos com os nossos amigos AQUI a este teatro/(*AÍ a esse teatro/(*LÁ àquele teatro.

(07)

- a. O (Este) daqui é mais confiável que o (esse) daí.
- b. A (Essa) daí é mais bonita que a (aquela) de lá.
- c. O (Aquele) de lá é mais cheiroso que o (este) daqui.

(08)

- a. O (Este) *naqui/*pra aqui/*a aqui é mais confiável que o (esse) naí/prá aí/a aí.
- b. A (Essa) *naí/*pra aí/*a aí é mais bonita que a (aquela) em lá/prá lá/a lá.
- c. O (Aquele) *em lá/*pra lá/*a lá é mais cheiroso que o (este) naqui/prá aqui/a aqui.

A gramaticalidade das construções em que a preposição *de* intermedeia determinante e locativo pode dever-se ao fato de tal preposição possuir conteúdo semântico menos preciso, em comparação às preposições *em*, *para* e *a* (THOMÉ, ANDRADE e CALLOU, 2005; AVELAR, 2006; THOMÉ 2006a, 2006b; SANTOS, CAMPOS e CALLOU, 2006a, 2006b; THOMÉ VIEGAS, 2008), não alterando, desse modo, a relação dos elementos, como em (09).

(09)

- a. Este *sapato* aqui é de couro. / Este *sapato* daqui é de couro. / Este *daqui* é de couro.
- b. Essa *mangueira* aí está furada. / Essa *mangueira* daí está furada. / Essa *daí* está furada.

Assim, após o desenvolvimento da hipótese com base em uma teoria formal, conclui-se que a presença de definitude é fator relevante para o uso do locativo à esquerda do SPLOC. Na próxima seção, serão apresentadas as bases empíricas da teoria de estudo da mudança linguística em curso nas quais esse trabalho também está apoiado.

Sobre o estudo da mudança linguística em curso

As bases empíricas da teoria de estudo da mudança linguística foram estabelecidas por Weinreich, Labov e Herzog (1968), que apontaram a possibilidade de observar a variação e a mudança linguística em curso e de determinar suas possíveis motivações externas e internas. Variabilidade e heterogeneidade são aspectos necessários para que a mudança linguística ocorra; todavia, a presença desses aspectos não implica, necessariamente, mudança. Há variação quando formas linguísticas alternativas de dizer uma mesma coisa, denominadas variantes, competem em um mesmo contexto. A mudança linguística acontece quando há o desaparecimento ou a substituição de uma das variantes.

Os princípios teóricos e procedimentos metodológicos da sociolinguística variacionista possibilitam analisar as variações dentro de um sistema que estaria sujeito a pressões internas e

externas e, por isso, estaria em constante mudança. Segundo os autores, os indícios de mudança podem ser observados durante sua implementação. As diferenças linguísticas entre gerações em um mesmo espaço de tempo podem apontar movimentos dentro do sistema. De acordo com essa hipótese, os mais jovens seriam os introdutores das novas variantes na língua e romperiam a continuidade do sistema. Segundo Labov (1972), a observação da mudança através da distribuição de uso de um determinado fenômeno por faixas etárias, ainda que dentro de um mesmo período de tempo, é denominada mudança no *tempo aparente*. Correlações constantes e significativas entre a variável idade e alguma variável linguística impõem ao pesquisador duas possibilidades: ou ele está diante de uma mudança em progresso na língua ou de uma variação estável, em que os indivíduos mudam seu comportamento linguístico de acordo com sua faixa etária. Distinguir entre distribuições etárias indicativas de mudança ou de gradação etária constitui um problema cuja solução requer a associação de evidências fornecidas por estudos em tempo real, ou seja, a observação da comunidade de fala através do tempo, não só no tempo aparente. Esse tipo de estudo, denominado estudo em *tempo real*, complementa o de tempo aparente e permite distinguir aspectos que perpassam a trajetória linguística da comunidade e do indivíduo.

Para a realização do estudo em tempo real de curta duração, Labov (1994) considera conveniente comparar o comportamento linguístico do indivíduo e da comunidade em um espaço de tempo de mais ou menos vinte anos, intervalo equivalente, em princípio, a uma geração. A associação do que é observado em diferentes pontos do tempo em relação ao indivíduo e em relação à comunidade possibilitaria quatro padrões distintos: (i) estabilidade – indivíduo e comunidade estáveis; (ii) gradação etária – indivíduo instável e comunidade estável; (iii) mudança geracional – indivíduo estável e comunidade instável (indivíduo “carrega” o comportamento linguístico de uma faixa etária para outra) e (iv) mudança na comunidade – indivíduo e comunidade instáveis. A diferenciação de gênero, quase sempre presente nos processos de mudança, não é considerada. O estudo em tempo real de curta duração distingue-se do de longa duração, que permite observar e comparar, através dos séculos, um fenômeno variável em diferentes momentos do tempo. A dificuldade, porém, é “fazer bom uso de maus dados”, uma vez que não há mais falantes representativos de tempos remotos. Um estudo em tempo real de longa duração seria possível por meio da utilização de textos antigos, apenas com referências indiretas da fala espontânea.

Em 1994, Labov diferencia o estudo de painel (*panel study*), em que se compara a fala dos mesmos indivíduos em dois ou mais momentos discretos de tempo, do estudo de tendência (*trend study*), em que se comparam comunidades de fala, em dois ou mais momentos discretos de tempo. O primeiro tipo de estudo permite observar se e como o indivíduo muda seu comportamento no decorrer do tempo, e o segundo permite observar se e o que muda na comunidade no período de tempo observado.

Corpora e metodologia

Com o objetivo de verificar o comportamento do locativo à esquerda do SPLOC na cidade do Rio de Janeiro, são realizados dois tipos de estudo: de tendência e de painel. Para o primeiro tipo, são analisadas as entrevistas de 22 informantes, distribuídas em três faixas etárias (de 25 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante), pelos gêneros masculino e feminino e pelas décadas de 70 e 90. Para o segundo, são analisadas as entrevistas de 11 indivíduos interrogados em 70 e recontactados após um intervalo de tempo de vinte anos. Todos os informantes possuem nível universitário. As amostras são do Projeto NURC-RJ e estão disponíveis em www.lettas.ufrj.br/nurc-rj. Os números na tabela identificam os informantes no site.

Estudo de Tendência

Faixas Etárias	Amostra 70		Amostra 90	
	Gêneros			
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
1	096 / 164	133 / 011	013 / 023	003 / 012
2	052 / 233	002 / 140	014 / 017	019 / 020
3	071	373 / 347	018 / 028	027

Tabela 1: Identificação dos informantes do Estudo de Tendência

Estudo de Painel

Informantes	Gêneros	Idades	
		Década de 70	Década de 90
133	F	31	50
011	F	26	46
096	M	25	45
164	M	34	53
002	F	44	65
140	F	55	74
052	M	39	59
233	M	41	59
373	F	58	76
347	F	57	79
071	M	56	80

Tabela 2: Identificação dos informantes do Estudo de Painel

No decorrer da pesquisa, foram recolhidas todas as ocorrências de SPLOCs, independentemente da presença ou ausência do advérbio locativo à esquerda. Nos casos de ausência de locativo na posição estudada, verificou-se que o *lá* poderia ocorrer na maioria dos mesmos, provavelmente devido a sua imprecisão semântica, característica também compartilhada por *ali*, segundo Paiva (2003). Assim, o que poderia variar, a depender do contexto, seria o grau de (im)precisão semântica do locativo.

O programa Goldvarb X de Sankoff, Tagliamonte e Smith (2005) é uma ferramenta metodológica utilizada pelos sociolinguistas variacionistas em análises estatísticas de dados e foi utilizado nesta pesquisa cuja variável dependente é *caracterização da margem esquerda do SPLOC (presença × ausência de locativo)*. As variáveis independentes – parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis que exercem pressão positiva ou negativa sobre o emprego das formas variantes – relacionadas aos fatores internos da língua são: (i) caracterização semântica do nome introduzido pela preposição, (ii) função sintática do SPLOC, (iii) tipo de verbo, (iv) tipo de locativo presente à esquerda do SPLOC, (v) tipo de definitude do SPLOC e (vi) do sintagma determinado pelo SPLOC, (vii) tipo de preposição que encabeça o SPLOC e (viii) efeito de definitude e de especificidade do SPLOC. As relacionadas aos fatores externos são: (i) tema do inquirido, (ii) gênero e (iii) faixa etária do locutor, (iv) tipo de amostra, (v) número e (vi) origem do inquirido. O valor de aplicação – variante escolhida pelo pesquisador como aplicação da regra – que atua na pesquisa é *presença de locativo*.

Português do Brasil: estudos de tendência e de painel da cidade do Rio de Janeiro

Um dos resultados verificados no estudo de tendência foi o de que o percentual de uso do locativo quase dobrou no período de 20 anos que separam as duas amostras. Na década de 70, a presença de locativo é de 7% (56/811), enquanto em 90, 12% (106/858). Os locativos que apresentam maior frequência de ocorrência são *lá* e *aqui*, respectivamente 47% e 42%. Essas duas formas são justamente as que representam os dois extremos em relação ao locutor e à distância. A alta frequência de *lá* poderia ser justificada pela sua maior imprecisão semântica, como dito anteriormente, o que possibilita a sua inserção em variados contextos. Porém, o *aqui* possui precisão semântica e a mesma justificativa não se aplica. Supõe-se que sua alta frequência se deva ao fato de o *aqui* fazer referência a primeira pessoa do discurso. Como os locativos foram recolhidos de entrevistas e nelas quem fala é o próprio entrevistado, natural que o *aqui* fosse usado por ele. Seguidos aos mais frequentes, verificam-se o *ali* (20/234) e o *aí* (2/234), respectivamente com 8% e 1% de ocorrência.

As amostras de 70 e de 90 foram examinadas separadamente para que fosse possível observar a atuação dos grupos de fatores em cada uma delas. A variável *caracterização semântica do nome contido no SPLOC* foi a primeira selecionada nas duas décadas, o que comprova a relevância desse grupo na atuação do fenômeno estudado. Os fatores *topônimo* – nomes próprios de lugares – e *espaço fechado 1* – locais de residência permanente, como casa, apartamento, ou ocasional, como hotel – são os que apresentam o maior peso relativo (PR) nas duas décadas, respectivamente .66 e .52 em 70, e .59 e .74 em 90. O valor do PR é pertinente porque ele indica quais variáveis, linguísticas ou extralinguísticas, favorecem ou desfavorecem a aplicação da regra (GUY e ZILLES, 2007). No que diz respeito ao *espaço fechado 1*, há um aumento significativo no uso do locativo à esquerda do SPLOC no intervalo de 20 anos que separa as duas amostras, conforme Figura 1. A classificação *espaço fechado 2* refere-se a locais fechados como

cinema, teatro, loja, açougue, hospital, padaria, mercado, igreja e a *espaço de outra natureza* refere-se a termos menos específicos como rua (sem determinação do nome da mesma), chão, lugar, vila, bairro, praia, país, mundo, cidade, campo, parque, quintal, etc.

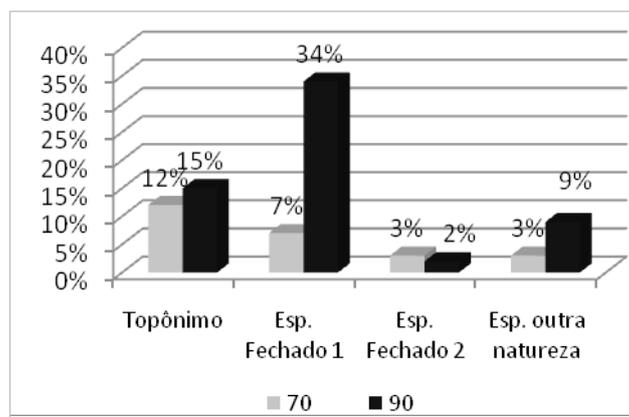


Figura 1: Distribuição do percentual de uso do locativo, de acordo com o tipo de locativo contido no SPLOC, nas décadas de 70 e de 90

(10)

(...) Então, minha mulher morava numa casa de vila na rua Uruguai, LÁ **na Tijuca**. [RJ 071/F3/M/70] – topônimo;

(11)

E agora, você vê, nós tivemos a, de uma família de grande de, de grande nome, vamos dizer assim, porque nós temos o nome, eh, mas financeiramente era um fracasso. Todos nós tivemos que trabalhar muito cedo. E LÁ **em casa** éramos sete. [RJ 373/F3/F/70]– espaço fechado 1;

(12)

a mulher desse meu amigo que mora nos Estados Unidos... ele casou-se mora nos Estados Unidos... eles se... eles se conheceram durante aquela exposição que teve AQUI **no Rio**... [RJ 018/F3/M/90] – topônimo;

(13)

mas fora isso eu viajei muito... mas foi pra Argentina né... eu fiquei oito meses na Argentina porque eu tinha uma tia... aquela... aquela pseudo-portuguesa casou-se com um argentino e foi morar lá... e eu sempre ia... sempre ia L **Ána casa** dela até ela morrer né... [RJ 018/F3/M/90] – espaço fechado 1.

A variável *preposição introdutora do SPLOC* também foi selecionada nas duas décadas, sendo a terceira selecionada em 70 e a quarta em 90. A preposição *em* é a que mais permite o uso do locativo à esquerda, nas duas décadas, conforme Figura 2, inclusive apresentando pe-

os relativos (PRs) próximos, .60 em 70 e .57 em 90. O resultado vai ao encontro da hipótese estabelecida para esse grupo de que *em* e *de* seriam as preposições que possibilitariam o uso do locativo pelo fato de a primeira ser uma preposição essencialmente locativa e de a segunda ser a menos marcada semanticamente e, em muitos casos, poder alternar com *em* (THOMÉ VIEGAS, 2008).

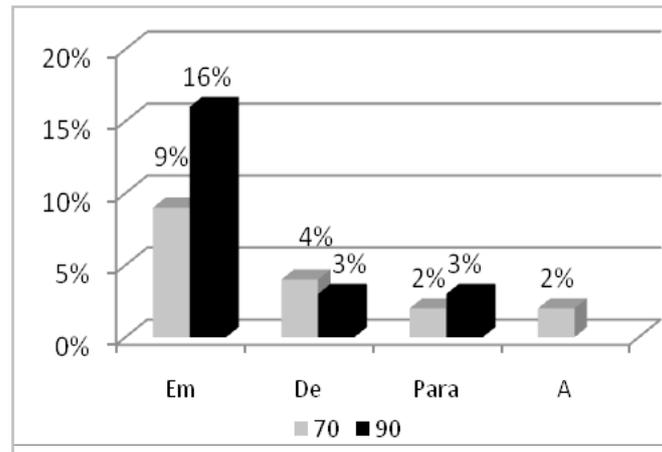


Figura 2: Distribuição do percentual de uso do locativo, de acordo com a preposição introdutora do SPLOC, nas décadas de 70 e de 90

(14)

nós comíamos muito em restaurantes assim de comida a quilo que é mais em conta também né... então restaurante bonzinho limpinho... comi também lá tem muito também restaurantes de comida chinesa **LÁ no Nordeste**... [RJ 019/F2/F/70] – preposição *em*;

(15)

Um amigo, um amigo nosso, que já tinha carro naquela época, que também não era uma coisa muito comum ter carro, ele tinha um chevrolezinho não sei de que ano, trinta e pouco, sei lá, então ele nos trouxe de carro **LÁ da da Tijuca** pro Flamengo [RJ 071/F3/M/70] – preposição *de*;

(16)

uma das moças é professora hoje **LÁ em Madureira**... Teresa Madu... Teresa Madureira... Teresa Madu... Madureira é o nome dela mesmo... é professora de lá... linda de morrer... uma pretinha linda... professora **LÁ de Madureira**... foi uma das... das doze... vai falar mal dela pra mim... vai falar mal de mim pra ela... com... vai falar mal de mim com alguém pra ver o que a Teresa faz... [RJ 018/F3/M/90] – preposições *em* e *de*.

Além das variáveis mencionadas, mais quatro foram indicadas como relevantes: (i) (*in*) *definitude morfológica do SPLOC*, na década de 70, e (ii) *função sintática do SPLOC*, (iii) *tipo de verbo* e (iv) *efeito de definitude e de especificidade do termo contido no SPLOC*, na década de 90.

Em relação à segunda variável selecionada em 70, (*in*)definitude morfológica do SPLOC, a frequência de locativo com *determinante* [+definido] é maior do que com os outros dois fatores, *ausência de marca morfológica* e *determinante* [-definido], PRs, respectivamente, .59, .40 e .24. Os percentuais distribuem-se conforme Figura 3. O resultado parece indicar que o uso do locativo obedece a uma escala de definitude, que vai de [+definido], passando pela ausência de categoria, chegando ao SPLOC [-definido]. Quanto maior a definitude, maior a probabilidade de uso do locativo; quanto menor a definitude, menor a probabilidade de uso.

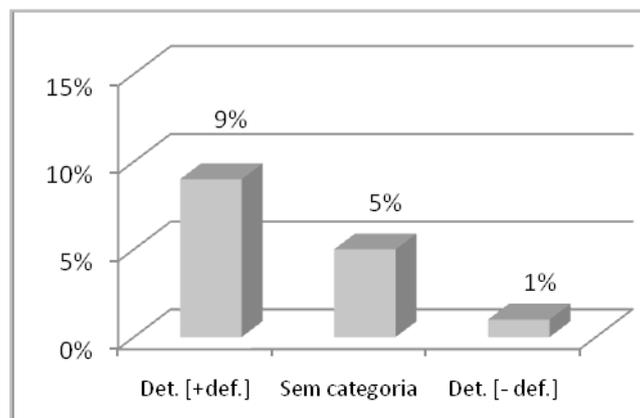


Figura 3: Distribuição do percentual de uso do locativo, de acordo com a (in)definitude morfológica do SPLOC, na década de 70

(17)

Coisa horrível! É um calor incrível! As distâncias enormes, não tem transporte pra... Aquele pessoal todo pedindo carona (...) eu não posso imaginar como eles consigam estudar ALI **naquele lugar**. É inacreditável! [RJ 233/F2/M/70] – SPLOC com determinante [+definido];

(18)

E agora, você vê, nós tivemos a, de uma família de grande de, de grande nome, vamos dizer assim, porque nós temos o nome, eh, mas financeiramente era um fracasso. Todos nós tivemos que trabalhar muito cedo. E LÁ **em casa** éramos sete. Eram, fomos nove e nos criamos sete. [RJ 373/F3/F/70] – ausência de marca morfológica no SPLOC;

(19)

eu pratico... pratico não... corro atrás de uma bola... durante uns noventa minutos e isso nós vamos geralmente com um grupo de colegas... pra fora ou LÁ **pra uma residência** nossa em Petrópolis... onde nós temos um campo... [RJ 052/F2/M/70] – SPLOC com determinante [-definido].

Quanto à *função sintática do SPLOC*, uma das três variáveis selecionadas em 90, a que mais favorece o uso do locativo é a de *adjunto adverbial locativo*, seguida de *adjunto adnomi-*

nal locativo e complemento verbal, PRs .62, .53 e .36, respectivamente. O resultado obtido foi ao encontro da hipótese estabelecida para a análise deste grupo de que SPLOC com função de adjunto favoreceria a presença do locativo pelo fato de sua ligação com outros termos da oração ser “frouxa” em comparação com os complementos, fato comprovado pela variação de ordem, o que possibilitaria a introdução de um elemento à esquerda da preposição. A não ocorrência, nos dados analisados, de SPLOC com função de complemento nominal antecedido de locativo também corrobora a hipótese, pois a ligação entre o nome modificado e o SP modificador seria mais “fixa”. Os percentuais distribuem-se conforme Figura 4.

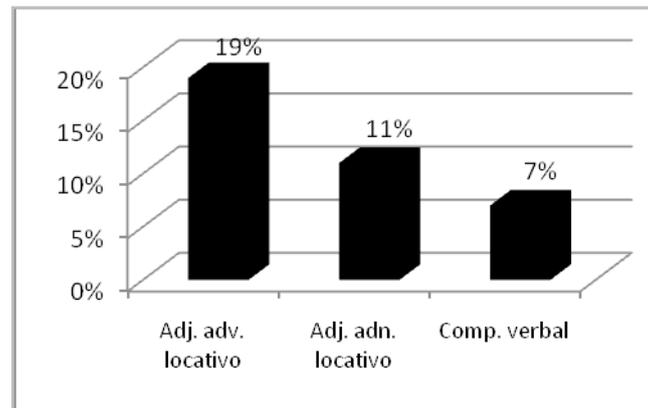


Figura 4: Distribuição do percentual de uso do locativo de acordo com a função sintática do SPLOC, na década de 90

(20)

São Paulo é uma cidade, pelo menos a impressão que eu tenho né, mais esparramada, então, você, eu conheço bastante gente que mora em casa, aqui no Rio de Janeiro não, geralmente o pessoal mora em apartamento. **LÁ em São Paulo** a maioria dos meus amigos mora em casa. [RJ 012/F1/F/90] – adjunto adverbial locativo;

(21)

bem... aí eu me formei em Direito né... e eu sempre odiei aquela ca... aquela carreira... eu tinha horror àquele troço... sabe... negócio de ler Diário Oficial todo dia... e andar no fórum... um calor danado **AQUI no Rio de Janeiro** e a gente de paletó e gravata... suando em bicas... [RJ 018/AC/F3/M] – adjunto adnominal locativo;

(22)

É, porque tem umas (primas) que moram **AQUI em Ipanema**, Leblon, aí de vez em quando eu encontro assim... [RJ 003/AC/F1/F] – complemento verbal.

No que diz respeito a outra variável selecionada em 90, *tipo de verbo*, os verbos *estativos* – verbos existenciais, locativos, epistêmicos, perceptivos, psicológicos e copulativos – e os de *processo culminado* – verbos de tipo causativo ou agentivo – favorecem o uso do locativo à esquerda do SPLOC, com PRs, respectivamente, .63 e .58. Os verbos de *culminação* – verbos

que expressam movimento, aparecimento/desaparecimento em cena e mudança de estado – e de *processo* – verbos meteorológicos, inergativos de atividade física e de movimento–, apresentam, ambos, PR .40 (MIRA MATEUS *et alii*, 2003). Os percentuais de ocorrência estão distribuídos conforme se verifica na Figura 5. O resultado obtido confirma a hipótese estabelecida para o grupo de que os verbos *estativo* e de *processo* seriam favorecedores do uso do locativo por, muitas vezes, exigirem, para complementar a informação dada, de sintagmas locativos (estar em algum lugar, ir a algum lugar, levar alguma coisa a algum lugar).

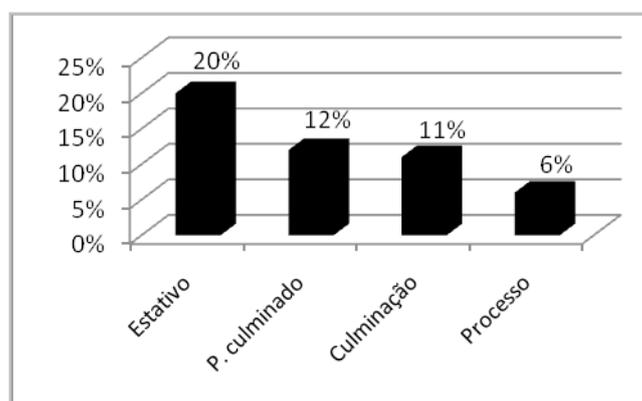


Figura 5: Distribuição do percentual de uso do locativo de acordo com o tipo de verbo, na década de 90

(23)

então esse ano de cinquenta e cinco foi um ano muito significativo pra mim e eu estive lá de cinquenta e cinco a cinquenta e seis... voltei... tive proposta pra *ficar* LÁ na... **universidade**... [RJ 018/F3/M/90] – verbo estativo;

(24)

Depois, eles tiraram isso (Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica) daqui e *colocaram* LÁ em **Pirassununga**, parece. Levaram pra Barbacena, Pirassununga, LÁ pra aquelas áreas (...) [RJ INQ. 028/F3/M/90] – verbo de processo culminado;

(25)

não... semana Santa lá em casa é peixe e o bacalhau... e já não faz dessas comidas que nós... carne por exemplo... Semana Santa não *entra* LÁ em **casa**... só entra peixe... bacalhau... ou camarão. [RJ 014/F2/M/90] – verbo de culminação;

(26)

eu fiquei oito meses na Argentina porque eu tinha uma tia... aquela... aquela pseudo-portuguesa casou-se com um argentino e foi morar lá... e eu sempre ia... sempre *ia* LÁ na **casa** dela até ela morrer né... [RJ 018/F3/M/90] – verbo de processo;

(27)

Eu vou lá para fora, aí você entende porque que que o turista age, da maneira que ele **age AQUI no Brasil**. Você, quando você viaja, você passa a ser turista. Então você começa a fazer coisas que você nunca faria no Brasil. [RJ 012/F1/F/90] – verbo pontual.

A última variável selecionada na década de 90 foi *efeito de definitude e de especificidade do termo contido no SPLOC*. Foi confirmada a hipótese estabelecida para esse grupo, baseada em Lyons (1999), de que termos com maiores definitude e especificidade favoreceriam o uso do locativo à esquerda do SPLOC por possuírem traço de definitude adquirido pelo nome no contexto de ocorrência. O conjunto [+definido][+específico] mostra-se mais significativo, seguido de [-definido][+específico], respectivamente, pesos relativos .53 e .34. Não houve ocorrência do conjunto [-definido][-específico] no SPLOC com locativos à esquerda. O resultado indica que não só a definitude morfológica registrada lexicalmente, como no exemplo (17), mas também a definitude e a especificidade adquiridas no contexto de ocorrência, exemplo (28), são relevantes para o fenômeno.

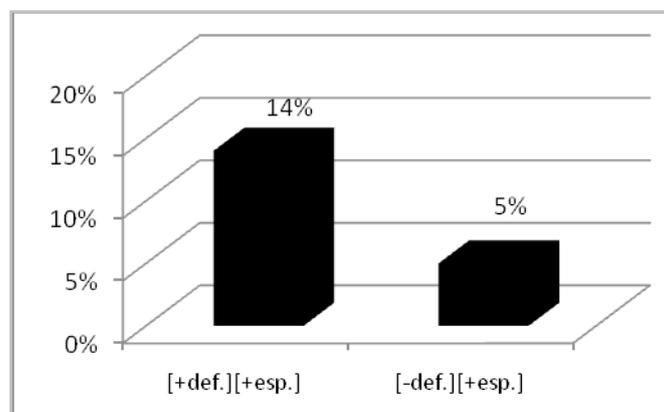


Figura 6: Distribuição do percentual de uso do locativo de acordo com o efeito de definitude e de especificidade do termo contido no SPLOC, na década de 90

(28)

Então os meus primos por parte de pai, são todos muito mais velhos do que eu, eles têm idade, assim, de, eu chamo até de tio, alguns, porque, eu conheço, desde de pequenininha eu, né, pequena e eles já... uma diferença de sei lá, mais de vinte anos... Mas, era mais de vinte anos, é, meus primos têm por aí, quarenta e, seis, entendeu, quarenta e poucos, então, não dava pra eu ficar andando com eles e tal, porque a diferença de idade era muito grande, por parte da minha mãe não, eu até que tenho bastante prima de minha idade, e tem até uma Mônica que mora na Ilha também, mas, sei lá... eu já andei muito com umas primas e tal, mas... a gente foi se desligando, acho que... a cabeça era diferente e tal, não sei o que, aí, hoje em dia só quando eu encontro assim, pela **rua**, não tem a menor ligação.

[...]

DOC. E... Vem cá, é... mudando um pouquinho. Vamos falar então, como é que foi a sua infância?

LOC. Infância de playground.

DOC. De playground!?

LOC. Não, eu fui... eu fui moleque de rua, mesmo se... Oh! Copacabana, é perigoso, tem gente, o meu namorado é um que, ele é do interior, aí ele que diz, que eu tive infância de playground, que eu não subi em árvore. Realmente, eu não subi em árvore, eu subi em poste, AQUI na **rua**, pô... eu andava de bicicleta na praia, é diferente né, mas... sei lá, eu acho que aproveitei, eu tinha uma turma AQUI na **rua**, a gente saía pra andar de bicicleta, pra tomar sorvete na padaria...

Em relação às variáveis não estruturais, o cruzamento de faixa etária, gênero e tipo de amostra indica que os homens apresentam comportamento estável, em 70, nas três faixas etárias, enquanto, em 90, há um alto uso do locativo na faixa 2, 32%, que decresce na faixa 3, conforme Figura 7. Ao contrário, as mulheres apresentam comportamento semelhante nas duas décadas: em 70, levam consigo o comportamento linguístico da faixa 1 para a 2 e diminuem o uso do locativo na faixa 3; em 90, observa-se o decréscimo do uso do locativo no decorrer das três faixas etárias, conforme Figura 8.

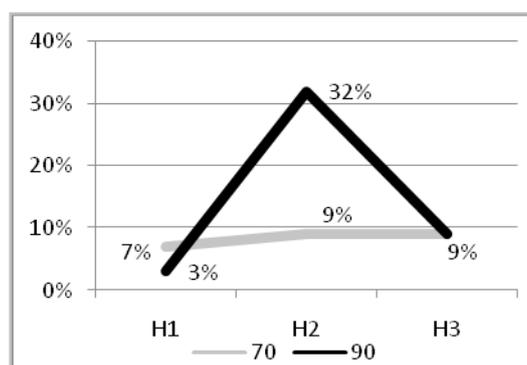


Figura 7: Distribuição do uso do locativo pelos homens, no PB

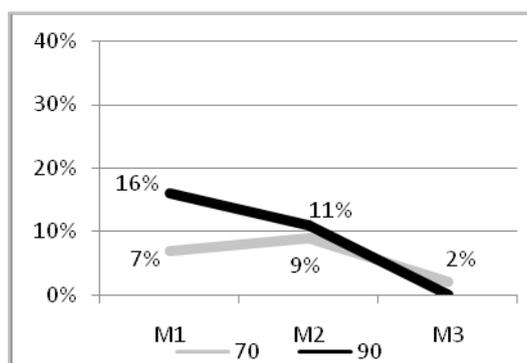


Figura 8: Distribuição do uso do locativo pelas mulheres, no PB

O cruzamento das variáveis faixa etária e década indica que há um padrão curvilíneo característico de variação estável nas duas décadas, 70 e 90. Enquanto, em 70, a distribuição é equilibrada nas três faixas etárias, em 90, a diferença é acentuada entre a faixa etária 3 e as outras duas faixas, como é possível observar na Figura 9.

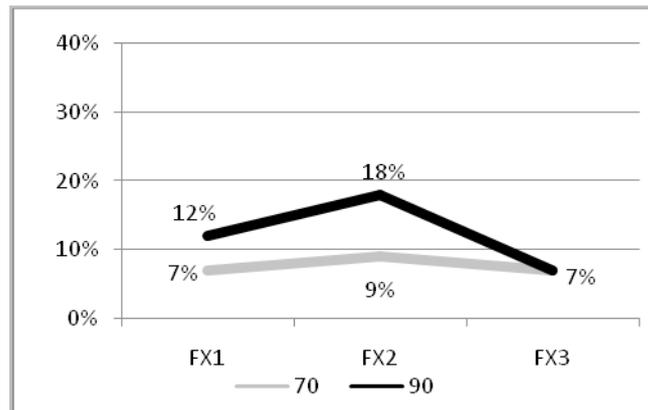


Figura 9: Distribuição de uso do locativo por faixa etária e década, no PB

No estudo de painel, foram comparados os comportamentos de um mesmo indivíduo em dois momentos discretos de tempo, década de 70 e década de 90, com o objetivo de verificar se e como mudam. Do total de onze informantes, apenas o 052 e o 347 aumentam o uso do locativo de forma expressiva: o primeiro passa de 11% a 36%; e o segundo, de 1% a 10%. De maneira geral, há ou acréscimo ou decréscimo nos valores percentuais de uso do locativo de uma sincronia para outra, a depender do indivíduo.

Frequência de uso do locativo no estudo de painel				
Faixas etárias	Gêneros	Informantes	Déc. 70	Déc. 90
1	F	133	5%	5%
		011	9%	5%
	M	096	11%	7%
		164	3%	-
2	F	002	6%	11%
		140	11%	15%
	M	052	11%	36%
		233	9%	7%
3	F	373	7%	7%
		347	1%	10%
	M	071	9%	8%

Tabela 3: Frequência de uso do locativo por informante, no PB

Português europeu: um *corpus* de controle

Foram recolhidos dados de fala da cidade de Lisboa para serem confrontados com os de fala da cidade do Rio de Janeiro. Apesar do número reduzido de ocorrências, os dados do PE também foram submetidos a um tratamento estatístico, nos moldes da amostra do PB: (i) verificação das mesmas variáveis, (ii) repetição do mesmo percurso e (iii) utilização da ferramenta Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE e SMITH, 2005). Contudo, uma vez que a amostra do PE é incompleta, como se verifica nas Tabelas 4 e 5, não foi possível executar um estudo de painel.

Estudo de tendência				
Faixas etárias	Déc. 70		Déc. 90	
	M	F	M	F
1	001	003	005	007
	002	004	006	008
2	001	003	005	007
	002	004	006	008
3	001	003	005	-
	002	004	-	-

Tabela 4: Distribuição das amostras das décadas de 70 e de 90, no PE

Estudo de painel				
Faixas etárias	Déc. 70		Recontato	
	M	F	M	F
1	001	003	-	-
	002	004	-	-
2	001	003	009 (RE 70-001)	-
	002	004	-	-
3	001	003	009 (RE 70-001)	011 (RE 70-003)
	002	004	-	-

Tabela 5: Distribuição das amostras da década de 70 e de Recontato, no PE

Em uma primeira etapa, foram observados os resultados das duas décadas em conjunto e nenhum grupo foi selecionado. Dessa forma, foram tomadas duas decisões: (i) a de comparar os resultados do PE com os do PB, apenas em termos percentuais, e (ii) a de observar o comportamento do PE em relação às variáveis selecionadas no PB.

Os resultados apontam que as formas *lá* e *aqui* ocorrem nas duas décadas. Em 70, *lá* apresenta percentual de 50% (5/10) e *aqui* de 30% (3/10) ao passo que, em 90, *lá* apresenta 67% (4/6) e *aqui* 16% (1/6). As formas *cá* e *ali* ocorrem somente em uma das duas décadas: *cá* em 70, com percentual de 20% (2/10), e *ali* em 90, com percentual de 16% (1/6). Na Tabela 6 verifica-se a comparação entre PB e PE.

Forma locativa				
Locativos	PE		PB	
	Déc. 70	Déc. 90	Déc. 70	Déc. 90
<i>lá</i>	50%	67%	32%	56%
<i>aqui</i>	30%	16%	57%	39%
<i>ali</i>	-	16%	11%	6%
<i>cá</i>	20%	-	-	-

Tabela 6: Distribuição do percentual de uso do locativo no PB e no PE, nas décadas de 70 e de 90

Em relação à variável *caracterização semântica do nome contido no SPLOC* no PE, em 70, o locativo ocorre preferencialmente à esquerda de SPLOCs quando está relacionado a *espaço fechado 1*, com uma frequência de 36%. Em 90, nesse contexto, não se registrou qualquer ocorrência. Na mesma variedade, o fator *espaço de outra natureza* se destaca com percentual de 15%. A hipótese desse grupo de que os topônimos contribuiriam para a presença do locativo à esquerda do SPLOC por, em muitos casos, possuírem elementos definidos, não se confirma no PE.

Caracterização do nome contido no SPLOC				
Caracterizações	PE		PB	
	Déc. 70	Déc.90	Déc. 70	Déc. 90
topônimo	8%	7%	12%	15%
esp. fechado 1	36%	-	7%	34%
esp. fechado 2	-	-	3%	2%
esp.outra natureza	6%	15%	3%	9%
locativo abstrato	11%	-	-	-

Tabela 7: Distribuição do percentual de uso do locativo de acordo com a caracterização do nome contido no SPLOC no PE e no PB, nas décadas de 70 e de 90

A hipótese para o grupo *preposição introdutora do SPLOC* era a de que a preposição *em* favoreceria o uso de locativo, pelo fato de ser a preposição locativa prototípica; contudo, no PE, essa hipótese foi confirmada apenas na década de 90, quando *em* apresenta uma frequência de 10%. Em 70, a preposição que mais favorece o uso do locativo na posição estudada é *para*, com frequência de 33%. Ainda em relação ao PE, não há ocorrência de locativo à esquerda de SP introduzido por *de*, ao passo que, no PB, verificam-se cinco casos em 70 e três casos em 90. Esperava-se que, na variedade europeia, a preposição *a* fosse a preferida dos locutores, contudo verifica-se que *em* ocupa essa posição: 40 ocorrências *versus* 113 ocorrências, respectivamente.

Preposição introdutora do SPLOC				
Preposições	PE		PB	
	Déc. 70	Déc. 90	Déc. 70	Déc. 90
em	8%	10%	9%	16%
de	-	-	4%	3%
para	33%	8%	2%	3%
a	7%	4%	2%	-

Tabela 8: Distribuição do percentual de uso do locativo de acordo com a preposição introdutora do SPLOC no PE e no PB, nas décadas de 70 e de 90

Na década de 70, a frequência de ocorrência de locativo é maior quando a marca morfológica está ausente, 20%, ao passo que, na década de 90, a frequência de ocorrência é maior quando a marca morfológica é [-definida], 14%, como se verifica na Tabela 9. A hipótese estabelecida para a verificação dessa variável – elemento morfológico definido no SPLOC favoreceria o uso do locativo à esquerda – não se confirma nessa variedade.

(In)definitude morfológica do SPLOC				
Graus de definitude	PE		PB	
	Déc. 70	Déc. 90	Déc. 70	Déc. 90
determinante [+definido]	7%	6%	9%	11%
sem categoria alguma	20%	4%	5%	18%
determinante [-definido]	-	14%	1%	-

Tabela 9: Distribuição do percentual de uso do locativo de acordo com a (in)definitude do SPLOC, no PE e no PB, nas décadas de 70 e de 90

Quanto aos resultados da variável *função sintática do SPLOC*, no PE, as funções de adjunto adverbial, em 70, e de adnominal locativo, em 90, são mais frequentes, respectivamente, 12% e 9%. Os resultados das duas épocas estão de acordo com a hipótese estabelecida para essa variável de que a presença de locativo seria favorecida quando o SPLOC desempenhasse a função de adjunto adverbial, por possuir uma ligação mais “frouxa” com a sentença, se comparada à dos complementos.

Função sintática do SPLOC				
Funções sintáticas	PE		PB	
	Déc. 70	Déc. 90	Déc. 70	Déc. 90
adj. adverbial locativo	12%	4%	10%	19%
adj. adnominal locativo	9%	9%	6%	11%
complemento verbal	8%	5%	5%	7%

Tabela 10: Distribuição do percentual de uso do locativo de acordo com a função sintática do SPLOC no PE e no PB, nas décadas de 70 e de 90

A maior frequência de locativo ocorre com os verbos de culminação e de processo, respectivamente, 14% e 13%, na década de 70. Na década de 90, contudo, o locativo só ocorre à esquerda do SPLOC com os verbos estativo e de processo, respectivamente, 7% e 5%. O verbo estativo também se mostra relevante para o fenômeno na década de 90, em PB, com frequência de 20%. A hipótese formulada para a variável *tipo de verbo* era a de que os tipos de verbo estativo e de processo favoreceriam o uso do locativo por, muitas vezes, precisarem complementar a informação dada com circunstanciais locativos. Na variedade europeia, a hipótese confirmou-se em parte.

Tipo de verbo				
Verbos	PE		PB	
	Déc. 70	Déc. 90	Déc. 70	Déc. 90
estativo	8%	7%	10%	20%
de processo culminado	-	-	-	12%
de culminação	14%	-	6%	11%
de processo	13%	5%	6%	6%
pontual	-	-	-	5%

Tabela 11: Distribuição do percentual de uso do locativo de acordo com o tipo de verbo no PE e no PB, nas décadas de 70 e de 90

Ainda em relação ao PE, verifica-se a ocorrência de locativo apenas quando o termo contido no SPLOC é [+definido][+específico], com frequências de 12% e 8%, nas décadas de 70 e 90, nessa ordem. Além desses casos, verifica-se a ocorrência de locativo à esquerda de SPLOCs com termo [-definido][+específico], ao contrário do observado no PB, conforme Tabela 12. Nas duas variedades da língua portuguesa, não foi verificada a ocorrência do locativo em contexto [-definido][-específico]. O resultado confirmaria a hipótese estabelecida para a variável *efeito de definitude e de especificidade do termo contido no SPLOC* de que o traço de definitude, adquirido no contexto de ocorrência, também seria relevante para o fenômeno.

Efeito de definitude e de especificidade do termo contido no SPLOC

Graus de definitude e de especificidade	PE		PB	
	Déc. 70	Déc. 90	Déc. 70	Déc. 90
[+definido] [+específico]	12%	8%	8%	14%
[-definido] [+específico]	-	-	3%	5%

Tabela 12: Distribuição do percentual de uso do locativo de acordo como efeito de definitude e de especificidade do termo contido no SPLOC no PE e no PB, nas décadas de 70 e de 90

Em relação às variáveis não estruturais no PE, o cruzamento entre faixa etária, gênero e tipo de amostra indica que os homens lisboetas apresentam comportamento estável, em 70; contudo, em 90, há uma variação estável, com ápice na faixa 3, na qual se verifica frequência de uso do locativo de 33%, conforme Figura 10. Já o comportamento das mulheres apresenta curva de mudança em tempo aparente, com retração de uso nas jovens, em 70, ao passo que, em 90, o uso do locativo está restrito à faixa etária 2, com frequência de ocorrência de apenas 3%. De todo modo, há retração de uso nas três faixas etárias, pois se verifica diminuição do mesmo, chegando ao não uso em mulheres das faixas 1 e 3, conforme Figura 11.

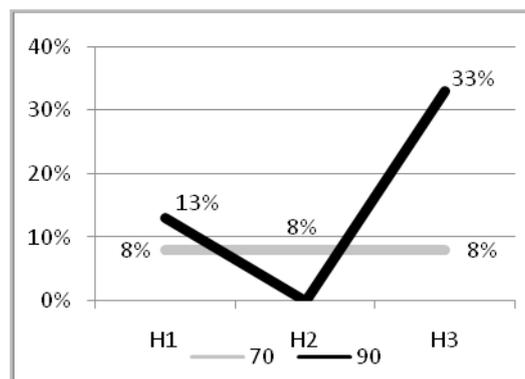


Figura 10: Distribuição do uso do locativo pelos homens, no PE

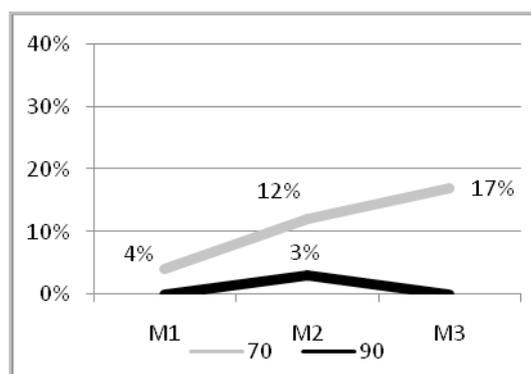


Figura 11: Distribuição do uso do locativo pelas mulheres, no PE

A distribuição das faixas etárias pelas décadas aponta que, em 70, o uso do locativo à esquerda do SPLOC vai no sentido de retração de uso: os mais velhos usando mais e, os jovens, menos. Em 90, parece haver uma variação estável: implementação maior nos mais velhos, diminuição nos adultos, e aumento nos mais jovens, como se verifica na Figura 12.

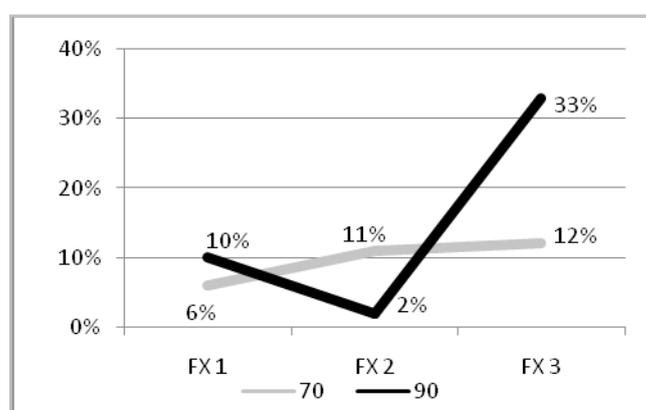


Figura 12: Distribuição de uso do locativo por faixa etária e década, no PE

Conclusões

Em relação ao PB, o estudo de tendência apontou que o uso do locativo é um fenômeno que não apresenta estigma e de que o falante nem sequer se dá conta. A inserção do locativo é variável e tem a função de localizar e reforçar espacialmente o sintagma preposicional locativo.

Por meio do programa computacional Goldvarb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE E SMITH, 2005), foi possível definir com mais rigor as variáveis estruturais e não estruturais que teriam relação com o uso do locativo à esquerda, tanto na década de 70, quanto na década de 90. O uso do locativo nessas décadas parece estar relacionado às variáveis *caracterização semântica do nome contido no SPLOC*, destaques para os fatores *topônimo*, em 70, e *espaço fechado 1*, em 90, e *preposição introdutora do SPLOC*, preferencialmente *em*, nos dois períodos temporais.

Na década de 70, a variável *(in)definitude morfológica do SPLOC* também é selecionada e a presença de determinante [+definido] é relevante na atuação do fenômeno. Na década

de 90, mostram-se ainda atuantes as variáveis (i) *função sintática do SPLOC*, com o locativo sendo inserido quando o sintagma exerce função de adjunto adverbial, (ii) *tipo de verbo*, preferencialmente, o tipo estativo e (iii) *efeito de definitude e de especificidade do termo contido no SPLOC*, com maior frequência nos casos de sintagma com traços [+definido][+específico]. O fato de atuar um número maior de condicionamentos, na década de 90, parece indicar que de uma década para a outra houve uma ampliação no uso do locativo à esquerda.

Retomando as hipóteses iniciais, pode-se afirmar que o resultado da análise dos dados de 70, em relação à variável *caracterização semântica do nome contido no SPLOC*, vai ao encontro da hipótese de que os topônimos, por poderem ser entendidos como nomes únicos e receberem artigo definido (LYONS, 1999), seriam favorecedores de um localizador à esquerda do SPLOC.

O fato de os resultados, nas duas décadas, terem comprovado que a preposição *em* é a que introduz preferencialmente o sintagma preposicional locativo confirma a hipótese de que essa preposição licenciaria o uso do locativo à esquerda por ser a preposição locativa prototípica. Da mesma forma, em 70, a seleção da variável *(in)definitude morfológica do SPLOC* com maior peso para o fator determinante [+definido] confirma a hipótese central da pesquisa, desenvolvida com base na proposta de Avelar (2006) e sustentada pela Teoria de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1995, 2000 e 2001), de que o elemento [+definido] favoreceria o uso do locativo à esquerda do SPLOC.

Na década de 90, outra variável que se mostrou relevante foi *função sintática do SPLOC*, uma vez que o locativo à esquerda é mais frequente quando o SPLOC apresenta funções de adjunto adverbial e de adnominal. A hipótese para a verificação desse grupo de que SPLOC com função de adjunto favoreceria a inserção do locativo pelo fato de sua ligação com outros termos da sentença ser mais “frouxa”, em comparação com os complementos, confirmou-se. Quanto à hipótese de que os verbos estativo e de processo seriam favorecedores do uso do locativo por, muitas vezes, solicitarem SPLOCs como argumentos foi confirmada parcialmente, pois foram selecionados como relevantes para o fenômeno os fatores verbo estativo e verbo de processo culminado. Ainda em 90, a seleção da variável *efeito de definitude e de especificidade do termo contido no SPLOC*, com maior relevância para o fator [+definido][+específico], confirma a hipótese de que termos com maiores definitude e especificidade favoreceriam o uso do locativo à esquerda do SPLOC por possuírem traço de definitude adquirido pelo nome no contexto de ocorrência.

A seleção das variáveis *caracterização semântica do nome contido no SPLOC*, *(in)definitude morfológica do SPLOC* e *tipo de preposição introdutora do SPLOC* indica haver, na década de 70, um tipo de SPLOC favorecedor do uso do locativo, resultando em uma construção locativa: locativo + [preposição *em* + determinante definido + topônimo].

Os dados mostram que, ao contrário do esperado, é possível haver SPLOC introduzido

pela preposição *a* e antecedido por locativo. Do mesmo modo, foram registrados casos de locativo à esquerda de SPLOC sem categoria morfológica. Esses resultados evidenciam que, além da definitude morfológica, definitude e especificidade adquiridas no contexto de ocorrência são relevantes para o fenômeno.

Ainda em relação ao PB, quanto às variáveis não estruturais, verificou-se, com o estabelecimento de uma variável compósita – faixa etária, gênero e tipo de amostra, que existe uma distribuição diversa nas duas décadas, por faixa etária e gênero. O estudo da comunidade aponta também haver uma tendência, de uma época para outra, de ampliação do uso do locativo.

A tentativa de enquadrar os resultados obtidos quanto ao estudo de tendência e de painel à proposta de Labov (1994, p. 83) aponta duas interpretações possíveis: (i) a de a comunidade ser *instável* e o indivíduo ser *estável* e (ii) a de a comunidade e o indivíduo serem ambos *estáveis*, já que as diferenças percentuais entre a taxa de uso nas duas décadas é de apenas 5%.

O confronto entre as variedades brasileira e europeia não permitiu tirar conclusões seguras, mas parece apontar para um comportamento ora semelhante, ora diverso das duas variedades.

O confronto entre as Figuras 7 e 10 aponta que, na década de 70, os homens são estáveis nas duas variedades da língua. Na década de 90, observa-se um percentual de 33% na faixa 3 do PE, enquanto, no PB, observa-se um percentual de 32% na faixa 2. Já as mulheres apresentam curva de variação estável em 70, no PB, ao passo que, no PE, esse mesmo tipo de curva é observado em 90, conforme, respectivamente, Figuras 8 e 11. Nessa variedade e década, a frequência de uso é de apenas 3% ou inexistente, com as ocorrências restringindo-se à faixa intermediária. Na década de 70, no PE, a curva é indicativa de mudança.

A comparação entre as Figuras 9 e 12 mostra que a curva, de variação estável, é semelhante, na década de 70, nas faixas 1 e 2, de PB e PE. Somente na faixa 3 observa-se uma diferença de 8% na taxa de uso, entre as variedades. Na década de 90, a imagem é especular: enquanto, no PB, o maior percentual de uso ocorre na faixa 2, 18%, no PE, a mesma faixa apresenta menor percentual de uso: 2%. No PB, o uso do locativo decresce 11% da faixa 2 para 3, enquanto, no PE, o percentual de uso varia de 2% para 33% nas mesmas faixas etárias.

Para concluir, é importante lembrar que se está diante de um uso pouco frequente que ocorre nas duas variedades da língua portuguesa, a brasileira e a europeia, e restrita, praticamente, à língua falada.

Referências

AVELAR, J. *Adjuntos Adnominais Preposicionados no Português Brasileiro*. Campinas: UNICAMP, 2006. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2006.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. ver., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CÂMARA JÚNIOR, J. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CHOMSKY, N. *The minimalist program*. Cambridge; MA: The MIT Press, 1995.

CHOMSKY, N. Minimalist Inquiries: The Framework. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (eds.). *Step-by-step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge; MA: The MIT Press, 2000, p. 89-155.

CHOMSKY, N. Derivation by phrase. In: KENSTOWICZ, M. *Ken Hale: A life in language*. Cambridge; MA: The MIT Press, 2001, p. 1-52.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa – instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change – Volume 1: Internal Factors*. Cambridge: Blackwell, 1994, p. 9-112.

LABOV, W. *Principles of Linguistic Change – Social Factors*. Cambridge: Blackwell, 2001, p. 261-384.

LYONS, C. *Definiteness*. Cambridge: University Press, 1999, p. 1-198.

MARTELOTTA, M. e LEITÃO, M. A posição de advérbios qualitativos, intensificadores e locativos em anúncios do século XIX. In: ALKMIN, T. (org.). *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2002, p. 127-153.

MELO, E.; OLIVEIRA, M. Ordenação dos locativos aqui e ali. *Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, Rio de Janeiro, Série VII, n. 11, 2003. Disponível em < <http://www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno11-16.html> >. Acesso em 10 de setembro de 2018.

DUARTE, I.; BRITO, A. M. Predicação e classes de predicadores verbais. In: MIRA MATEUS, M. H. *et alii*. *Gramática da língua portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003, p. 179-203.

MOLLICA, M. C. e BRAGA, M. L. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2004.

MOURA NEVES, M. H. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000, p.231-331.

MOURA NEVES, M. H. Os advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo). In: ILARI, R.(org.).*Gramática do português falado – 4ª ed. rev.* Campinas: Editora da Unicamp, 2002, p.249-285.

PAIVA, M. da C. A ordem não marcada dos circunstanciais locativos. In: LINS, M.; YACOVENKO, L. (orgs.). *Caminhos em Linguística*. Vitória: NUPLES/DLLUFES, 2002, p.16-34.

PAIVA, M. da C. Proformas adverbiais e encadeamento dêitico. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.).*Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*.Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 133-143.

PAIVA, M. da C. Ordem não marcada de circunstanciais locativos e temporais. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (orgs.).*Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 254-264.

PAIVA, M. da C.; BRAGA, M. L. Dêixis locativa e categorias cognitivas. Comunicação apresentada no 5º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo (GEL), USP, 2002.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 41ª ed. Rio de Janeiro:José Olympio, 2001.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH E. *Goldvarb X-A multivariate analysis application for Macintosh and Windows*. 2005. In: < <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html> >. Acesso em 10 de setembro de 2018.

SANTOS, L.; OLIVEIRA, M. Ordenação dos advérbios *aíe lá*. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia (CNLF), VIII, 2004, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: UERJ, 2004, p. 11-15.

SANTOS, A.; CAMPOS, V; CALLOU, D. A variação das preposições *de* e *em* na linguagem escrita jornalística: uma abordagem variacionista. Comunicação apresentada na XXVII Jornada de Iniciação Científica. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006a.

SANTOS, A.; CAMPOS, V.; CALLOU, D. A variação *de/em* na fala e na escrita: confronto entre PB/PE. Comunicação apresentada no 54º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), 2006b.

THOMÉ, E. *A funcionalidade da preposição DE em corpus do século XIX*. Trabalho de Mestrado. Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006a.

THOMÉ, E. *Preposições DE e EM: variação nas línguas escrita e falada nos séculos XIX e XX*. Trabalho de Mestrado. Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006b.

THOMÉ VIEGAS, E. Preposições de, em, com e para em adjuntos adnominais: uma análise variacionista. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

THOMÉ VIEGAS, E. Formas locativas antepostas ao sintagma preposicional locativo: análise da fala culta carioca. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. Tese de Doutorado. Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

THOMÉ, E.; ANDRADE, P.; CALLOU, D. Sobre o uso da preposição DE e EM no português brasileiro: uma abordagem variacionista. In: SANTOS, D. (org.). *Inicia - Revista da Graduação em Letras da UFRJ*. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, nº 3, 2005, p. 161-168.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [Tradução de Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2006. Título original: *Empirical foundations for a theory of language change*. In.: *Directions for historical linguistics: A symposium*. Austin: University of Texas, 1968, p. 95-199. www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/ www.lettras.ufrj.br/varport

Sobre Dinah Callou — Elaine Marques Thomé Viegas²

2 Mais difícil do que pesquisar, apresentar trabalhos, elaborar artigos, dissertação e tese e fazer pós-doutorado é tentar escrever algo sobre minha relação com Dinah. Compartilhamos sentimentos e emoções por mais de dez anos. Permanecem, acima de tudo, o carinho, o respeito, a admiração e a gratidão, para sempre. Tê-la como professora na universidade e, posteriormente, como “mãe acadêmica” é um presente para mim.